

Físico na Campinense de Letras

Rogério C. Leite se candidata à Academia

Mesmo não se considerando um "competente" escritor de ficção, o físico Rogério César de Cerqueira Leite se inscreveu na Academia Campinense de Letras para ter a chance de ocupar a cadeira nº 2, e, desta forma, se tornar mais um imortal da literatura brasileira.

A vaga surgida em julho do ano passado, com o falecimento do "Imortal" Francelino de Souza Araújo, escritor e jornalista, que ocupava a cadeira que Rogério terá todas as chances de assumir deverá ser preenchida ainda no segundo semestre deste ano, após as eleições.

Segundo Rogério, membros da Academia o convidaram para se inscrever e ele aceitou o convite, uma vez que os acadêmicos justificaram que ele já possui obra literária de ficção, além de ser cientista renomado. Para o presidente da Academia Campinense de Letras, Celso Maria de Melo Pupo, o possível ingresso de Rogério entre os 40 imortais virá a privilegiar a entidade. Para Celso, "Rogério me parece um nome de bastante prestígio no campo científico e cultural", por isso sua inscrição "é bem recebida".

Agora, o cientista terá que obter os votos necessários para seu ingresso na academia, uma vez que se até junho, mês em que as inscrições para preenchimento dessa vaga se encerrarão, surgir outro nome, o físico terá que concorrer numa disputa eleitoral. Mas, até o momento somente ele se apresentou.

Abre o salão de grafia

mento de Ar-
lo Instituto de
nicações da
lizar, no
de junho, o
Foto-

al des-
segundo
Caro,
arta-
as —
a to-
rsi-
so,
s,
O



Rogério pensa em ser "imortal"

Acadêmicos pediram para se candidatar

Nesta semana, Rogério concedeu uma entrevista exclusiva ao CORREIO e nela explica e tenta justificar os motivos que o levaram a se inscrever na Academia e, assim, se tornar um "imortal".

Pergunta: Quais as razões por que se candidatou à Academia?

Resposta: Não há razão nenhuma. Alguns membros da Academia me procuraram e acharam que eu deveria ser candidato. Fui convencido pelos argumentos.

P.: Que argumentos?

R.: Não foram de natureza muito científica. Mas me disseram que a Academia estava abrindo um pouco o leque e que as pessoas da área científica deveriam ser consideradas. Não me coloco entre os acadêmicos clássicos, que participam de atividade literária, mas tenho contribuições na área científica.

P.: Consta que o sr. tem uma obra de ficção?

R.: Não tenho uma obra, de jeito nenhum. O que tenho é um arremedo de... Num ataque de falta de modéstia, escrevi uns contos e publiquei. Mas não me considero competente como ficcionista. (Rogério escreveu vários contos relembando sua infância e os publicou em 1976 pela livraria Duas Cidades. Ele nasceu em 1931, em Santo Anastácio, onde o pai cumpria as funções de delegado de polícia. Até os 14 anos, Rogério perambulou pelo interior. E dessa sua vida nasceram os contos que resultaram num livro: "Antoninho Fincapé e seu Defunto").

P.: Qual a sua opinião sobre o papel da Academia?

R.: A Academia, antes de tudo, deve ser um receptáculo da cultura, guardiã da identidade nacional. Ela tem uma função inicial de encontrar meios de preservar os valores da sociedade brasileira. Não quer dizer que tem uma função apenas integradora da cultura. Ela deve também exercer a função inovadora e colocar-se à frente do movimento de renovação cultural.

Ao finalizar a entrevista, Rogério disse que pretende levar para a Academia essas suas idéias e iniciativas, para, assim, poder "ajudar a provocar uma integração entre a Ciência e a Arte".